

LIÇÕES DE AUTONOMIA: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FORMAL NA LIBERTAÇÃO DAS MULHERES

LESSONS IN AUTONOMY: THE ROLE OF FORMAL EDUCATION IN WOMEN'S LIBERATION

LECCIONES DE AUTONOMÍA: EL PAPEL DE LA EDUCACIÓN FORMAL EN LA LIBERACIÓN DE LA MUJER

Marcos Clair Bovo¹
Úrsula Tostes da Silva²

RESUMO: Esse artigo objetiva compreender a relevância da educação formal para a liberdade das mulheres destacando as experiências e vivências das participantes da pesquisa. O aporte metodológico foi constituído de pesquisa qualitativa, bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com doze mulheres. Para tanto, partimos do princípio de que as mulheres analisadas nesta pesquisa são originárias de estados diferentes, vêm de famílias diferentes e, portanto, podem divergir em alguns questionamentos sobre a educação, se ela realmente é libertadora e se a educação liberta. Os resultados da pesquisa indicam que os movimentos feministas contribuíram para uma maior igualdade, liberdade, cidadania e participação da mulher na sociedade e que a educação é um princípio para a liberdade, para o trabalho e para a independência financeira das mulheres. Além disso, as mulheres entrevistadas evidenciam que a educação não é o único caminho para a liberdade embora seja um caminho para a construção do conhecimento, que por sua vez, leva à liberdade.

1

Palavras-chave: Educação. Liberdade. Conhecimento.

ABSTRACT: This article aims to understand the relevance of formal education for women's freedom, highlighting the experiences and life stories of the research participants. The methodological approach consisted of qualitative and bibliographic research, as well as semi-structured interviews with twelve women. To this end, we start from the principle that the women analyzed in this study come from different states and different families, and therefore may differ on certain questions regarding education, whether it is truly liberating, and if education sets one free. The research results indicate that feminist movements have contributed to greater equality, freedom, citizenship, and women's participation in society, and that education is a fundamental principle for women's freedom, work, and financial independence. Furthermore, the interviewed women demonstrate that education is not the only path to freedom, although it is a path to the construction of knowledge, which, in turn, leads to freedom.

Keywords: Education. Freedom. Knowledge.

¹Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná- Campus de Campo Mourão.

²Mestra em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná- Campus Campo Mourão. Professora da Educação Básica do Estado do Paraná.

RESUMEN: Este artículo objetiva comprender la relevancia de la educación formal para la libertad de las mujeres destacando las experiencias y vivencias de las participantes de la investigación. El aporte metodológico fue constituido de investigación cualitativa, bibliográfica y entrevistas semiestructuradas con doce mujeres. Para tanto, partimos del principio de que las mujeres analizadas en esta investigación son originarias de estados diferentes, vienen de familias diferentes y, por lo tanto, pueden diferir en algunos cuestionamientos sobre la educación, si ella realmente es liberadora y si la educación liberta. Los resultados de la investigación indican que los movimientos feministas contribuyeron a una mayor igualdad, libertad, ciudadanía y participación de la mujer en la sociedad y que la educación es un principio para la libertad, para el trabajo y para la independencia financiera de las mujeres. Además, las mujeres entrevistadas evidencian que la educación no es el único camino para la libertad aunque sea un camino para la construcción del conocimiento, que a su vez, lleva a la libertad.

Palabras clave: Educación. Libertad. Conocimiento.

INTRODUÇÃO

Liberdade é a capacidade do homem³ de obter o seu espaço, organizar o seu tempo, tomar posse de si mesmo, repudiar as pressões e assumir com responsabilidade sua vida e sua história. Destes cinco elementos na descrição da natureza, da liberdade podemos elencar os dois mais fundamentais: autoconsciência como posse de si mesmo e a assunção responsável do verdadeiro compromisso com a vida. Liberdade é o princípio interno que capacita o homem a assumir uma responsabilidade. Procurando definir melhor: liberdade é a autoconsciência de poder assumir um compromisso; é a autoconsciência, enquanto responsável (Sauthier, 2008, p. 45).

2

Se a liberdade é a capacidade do ser humano de ocupar o espaço que lhe pertence, o que seria ser livre para as mulheres? A liberdade significa ser igual?

Poderíamos trazer aqui vários conceitos de liberdade, poderíamos contextualizar a liberdade em vários momentos. Mas o que queremos saber é o que as mulheres pensam sobre a liberdade, se é por meio dela que se tem independência, se é a educação que as liberta e se liberta, de que maneira ela ocorre?

Assim sendo, são vários questionamentos, porém é dentro de uma indagação que procuramos responder a partir dos pontos de vista das mulheres que nos concederam as entrevistas. As participantes relataram seus posicionamentos sobre a educação, sobre a forma como a educação é importante nas questões relacionadas à liberdade e ao conhecimento. Diante disso, como definimos a liberdade, precisamos definir o que é conhecimento e como ele é adquirido. O dicionário *on line* da Língua Portuguesa define a palavra conhecimento como um substantivo masculino, o dicionário dá várias definições do significado dessa palavra. E a definição de conhecimento que melhor nos atende para concebermos as questões ligadas à

³O homem ao qual se refere não faz referência ao sexo, masculino, mas sim ao ser humano.

liberdade é que “o conhecimento é a ação de entender por meio de inteligência, da razão ou da experiência”.

Ao analisarmos os discursos das participantes, delimitamos os significados e as diferenças que existem entre os conceitos de liberdade, estudo e conhecimento, dado que as mulheres entendem que a liberdade está de alguma forma associada à liberdade, mas essa, por sua vez, nem sempre estará diretamente ligada ao ato de ser livre.

À vista disto, o artigo além da introdução encontra-se estruturado em três tópicos, sendo que o primeiro os procedimentos metodológicos da pesquisa, o segundo intitulado “o lugar das mulheres nas primeiras décadas do século XXI” no qual apresentamos um panorama a respeito das conquistas relacionadas à educação e à liberdade. Já no terceiro tópico denominado “análise dos resultados” serão apresentados os resultados das entrevistas das participantes da pesquisa no que tange aos aspectos da educação formal e da liberdade e por fim, trazemos as considerações finais.

DOS PROCEDEIMENTOS METODOLÓGICOS AO PERFIL DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O aporte metodológico da pesquisa foi constituído de entrevistas realizadas com doze mulheres de diferentes faixas etárias, nível de escolaridade e classe social. Para tanto, o roteiro de entrevista foi composto de sete questões semiestruturadas em que foram levadas em consideração alguns fatores como a profissão, a etnia, a família, os papéis desempenhados dentro e fora de casa, o nível educacional, dentre outros. É necessário ressaltar que devido à Pandemia da Covid-19, os encontros ocorreram via Plataforma Google Meet, sendo que todas foram previamente agendadas com as participantes. As entrevistas ocorreram de agosto a dezembro de 2020.

O caminho percorrido para chegar até essas mulheres foram três: algumas foram indicações de professores, outras foram recomendadas por colegas e algumas foram por meio de laços de amizade estabelecidos. A origem dessas mulheres é variada, entrevistamos mulheres de três Estados: Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná. Destacamos também que para preservar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios de personagens femininas presentes em obras literárias de Erico Verissimo, Machado de Assis, Maria José Dupré e José Saramago. Evidenciamos que os nomes dados às entrevistadas foram escolhidos conforme a personalidade delas e das personagens escolhidas serem semelhantes. Assim sendo, optamos por entrevistar mulheres com o perfil semelhante ao de Clarissa, vale a pena ressaltar que a personagem é uma

mulher construída no imaginário de Erico Verissimo. No quadro 1, apresentamos os perfis das mulheres participantes da pesquisa.

Quadro 1: Perfil das participantes da pesquisa

Entrevistadas	Estado de Origem	Escolaridade	Estado Civil	Profissão	Etnia
Lola	Minas Gerais	Superior Completo	Casada	Aux. De Secretária em Escola Pública	Branca
Laurinda	Minas Gerais	Graduação em andamento	Namorando	Estudante de Pedagogia	Branca
Leonora	Paraná	Mestrado em andamento	Namorando	Advogada	Branca
Sílvia	Paraná	Mestrado em andamento	Casada	Assistente Social	Branca
Bibiana	Paraná	Doutorado	Solteira	Professora do Ensino Superior	Branca
Capitu	Paraná	Mestrado	Solteira	Professora do Ensino Superior	Negra
Maria Valéria	Paraná	Doutorado	Casada	Professora do Ensino Superior	Negra
Ana Terra	Paraná	Doutorado	Casada	Professora do Ensino Superior	Branca
Alice	Espírito Santo	Superior Completo	Casada	Professora do Ensino Básico	Branca
Luzia	Minas Gerais	Ensino Médio	Solteira	Artesã	Negra
Helga	Espírito Santo	Graduação em andamento	Namorando	Eng. Florestal	Negra
Blimunda	São Paulo	Graduação em andamento	Casada	Estudante de Filosofia	Negra

Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

Tais dados relacionados aos perfis das participantes da pesquisa são fundamentais para compreendermos como elas em suas falas analisam a importância da educação formal para as suas vidas.

O LUGAR DAS MULHERES NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI: E OS NOVOS DESAFIOS

Ao tratarmos das mulheres do século XXI, precisamos levar em consideração a forma como as mulheres da segunda metade do século XX viviam, ou seja, como era a educação formal, o que se entende por liberdade e porque essas mulheres que nasceram na segunda metade do século passado são as que hoje assumem suas vidas, cuidam dos filhos e têm uma carreira profissional. Mas em que a vida dessas mulheres é diferente das vidas de suas mães, avós, bisavós? Qual é o lugar que essas mulheres ocupam na sociedade? Em casa, como elas lidam com as diferenças e divergências que surgem ao seu redor, vivendo as transformações que chegaram com o início do novo século.

Para compreendermos o lugar que as mulheres do século XXI ocupam, precisamos compreender as transformações, as lutas ocorridas para que as desse século tivessem as possibilidades que as mulheres de suas famílias não tiveram. Pois, para que pudessem ter a liberdade de escolher casar ou não, ter filhos ou não, estudar, trabalhar, optar por uma carreira ou a deixar de lado para cuidar e educar os filhos ou ainda ter a possibilidade de manter o emprego, cuidar da casa e dos filhos. Para que isso ocorresse, foi preciso que as antecessoras lutassem em prol de direitos, da educação, de serem donas de seus próprios corpos, de suas vontades, para que as gerações de mulheres posteriores pudessem optar, mas não mais serem obrigadas a servir, a serem meras mercadorias.

5

Assim, a primeira conquista das mulheres foi o direito de votar, a partir desse momento as mulheres passaram a ser cidadãs, porém não eram todas as mulheres que tinham tal direito. As que usufruíam do direito ao voto eram brancas e de classe média alta; as analfabetas, negras e trabalhadoras não tinham os mesmos direitos. As mulheres, por muito tempo, não frequentaram escolas, não podiam adquirir conhecimento, portanto, as discussões sobre quaisquer assuntos relacionados à política, à economia e a qualquer outra área do conhecimento não cabia a elas. À mulher cabia ocupar o lugar dentro do lar, cuidar dos filhos, do marido, da casa. De acordo com D'Incão (2004), a sociedade estabelecia um papel para o homem e um para a mulher, sendo que para ela cabia o lar, a casa, a mulher administra a casa, porém é o homem a maior instância do lar, e perante a lei, a mulher é subordinada ao homem, sendo ela uma propriedade.

A situação da mulher de acordo com Mendonça e Ribeiro (2010, p. 07) foi se moldando, pois a mulher foi se desenhando como o resultado de uma construção ideológica, como a Igreja,

o direito e a medicina, instituições que eram coordenadas por homens. Foram os homens quem “atribuíram à mulher um lugar”, que estabeleciam o lugar que ela deveria ocupar, garantindo à mulher o papel de mãe, de esposa e dona de casa. Enquanto o homem ocupava o papel dele fora de casa, na vida pública, ao homem era instituído poder, a ele cabia dominar a mulher e ser dono de seu corpo.

Enquanto a mulher permanecia em casa desempenhando o seu papel, o homem trabalhava, provia o lar, isso lhe respaldou e legitimou, dado que as diferenças entre o homem e a mulher eram muito grandes. Sobretudo porque a oposição entre trabalhar fora e ocupar um lugar de destaque, fazia a desigualdade entre homens e mulheres aumentar, principalmente por meio do poder, já que era o homem quem o detinha.

Dois fatores relevantes atuam na construção da manutenção das relações de poder, são os discursos médicos e os discursos religiosos, quem nos aponta esses fatores é França (2014, p. 46) ao falar sobre o médico pertencente à corrente evolucionista o italiano Cesare Lombroso “que no século XIX vinculava às mulheres características negativas similares as das crianças como: exagerado ciúme, tendência à vingança e um senso moral deficiente”. De acordo com a pesquisadora, tais características negativas seriam amortecidas por meio da maternidade e de outras atitudes que colocavam a mulher em posição de inferioridade.

6

Para França (2014, p. 46-47), “o discurso religioso também participa da naturalização da forma do que é ser mulher quando relaciona a punição de Deus aos primeiros seres humanos, Adão e Eva por terem comido o fruto proibido, perpetuando a mulher como traidora e perigosa”. Ao apontarmos tais fatores, é evidente que a disparidade entre homens e mulheres se calcava nos costumes e nas tradições da família brasileira. O papel desempenhado pela mulher era consequência dos discursos médicos, e também do discurso religioso, cabendo a elas a responsabilidade da manutenção do lar, da harmonia da casa, assim como os cuidados com os filhos, bem como a subordinação, primeiro ao pai, aos irmãos e depois ao marido.

A situação de submissão da mulher perdurou todo o século XIX e mais da metade do século XX, mas por conta dos Movimentos Feministas, a situação da mulher começou a se alterar. Na década de 1934, a mulher brasileira, branca, de classe média alta, alfabetizada passou a ter direito ao voto, contudo a população brasileira tinha a maioria de sua população formada por analfabetos, o que limitava o voto a poucos. Além disso, eram poucas as mulheres que tinham o direito à educação e quando instruídas aprendiam a cozinhar, a cuidar da casa, do marido e dos filhos. Elas não precisavam ler e escrever muito, era apenas o básico para

desempenhar as funções do lar.

Os movimentos feministas transformaram a vida da mulher em vários aspectos, dentre eles, a mulher pode começar a trabalhar fora e a profissão que abriu as portas para as mulheres foi o magistério, mesmo que essa profissão fosse vista como uma extensão do papel que desempenhava na família: o cuidar. Destarte, a mulher começou a sair de casa. À vista disso, quando a mulher começou a sair de casa, passou a ocupar um lugar no espaço público e a participar de outro contexto social.

As mulheres que nasceram na segunda metade do século XX possuem outras perspectivas a respeito da vida, do trabalho e sobre si mesmas. Essas mulheres carregam consigo uma série de conquistas que vieram das décadas de 1960 e 1970, a garantia de domínio de seus corpos, a opção de engravidar ou não. Mas mesmo com todas as transformações advindas das conquistas dos movimentos feministas, com os avanços da tecnologia e com a transformação da sociedade, as mulheres ainda desempenham funções que lhes foram impostas pelos homens. No entanto, a questão da cultura é algo que pode ser modificada, é o que pontua Adiche (2014), ao afirmar que se há uma humanidade inteira de mulheres que não faz parte da sociedade, é preciso mudar a cultura.

O século XXI chegou e com ele vieram as transformações, mulheres se formando em cursos que até então eram feitos por homens, ocupando cargos que até o final do século XX, apenas homens os ocupavam; já as mulheres que trabalham fora, são provedoras da família, dividem as contas da casa com o marido ou assumem sozinhas a casa e os filhos. Nesse sentido, as mulheres de hoje têm a opção de se casar, ter filhos e para educá-los passam a não mais trabalhar; ou se optarem pelo casamento, preferem não os tê-los e trabalham fora. Assim, encontramos na sociedade as mulheres que vivem sozinhas e se sustentam, e outras por opção administram empresas, dentre outras possibilidades.

Diferente das gerações anteriores, as mulheres do século XXI têm escolha e opção, contudo algumas práticas continuam as mesmas do tempo das nossas avós e bisavós. Nas gerações anteriores, algumas mães faziam algumas tarefas essencialmente relacionadas ao trabalho doméstico, não por opção, mas por obrigação imposta à mulher, independente se ela trabalha fora. Enfim, toda essa carga de atribuições ainda continua sob a responsabilidade da mulher, sem contar também que ela ainda continua cuidando dos filhos e da casa.

Por mais que as mulheres tenham chegado ao século XXI conquistando o direito de estudar, participar da sociedade, trabalhar, decidir sobre sua vida e usufruir de todas as

transformações que os movimentos feministas trouxeram, elas ainda lutam para ocupar lugares que lhes são de direito na sociedade.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As análises das entrevistas trazem as experiências e vivências das mulheres relacionadas à educação formal e a liberdade que fazem parte do seu cotidiano. Para tanto, tecemos reflexões a partir dos seguintes questionamentos: a) O que as mulheres pensam sobre a liberdade? b) A liberdade proporciona independência as mulheres? c) Qual(ais) a(s) contribuição(ões) da educação formal para as mulheres? São esses questionamentos que buscamos reponder na sequência.

Para Lola, “a educação abre um leque para entender diversos assuntos [...] adquirimos conhecimento, entendemos certas coisas e temos atitudes que a gente não teria com o mínimo de estudos. A educação começa em casa. A educação é parte da família, desde pequenininho”. O que poderia ser feito para mudar a visão que os homens têm a respeito das mulheres?

De acordo com Lola (2020)

[...] a visão que os homens têm das mulheres precisa ser trabalhada nas crianças desde o nascimento até a infância. Precisamos ensinar os meninos a lidar com essas questões, vamos dizer: um serviço de casa, por que eles não podem fazer? O menino, ele brinca com o carrinho, e a menina brinca com a boneca, por que o menino não pode brincar com a boneca? Somos nós que temos que deixar isso claro, que não existe diferença nisso. A partir do momento que transferimos isso para a família, começamos a mudar o pensamento deles em relação à mulher.

8

Quanto à educação escolar, Lola pontua que “[...] deve ser a mesma coisa, os professores trabalhando com essas questões em sala de aula, devem dissociar dessa ideia, dessa cultura que está impregnada de que a mulher é mais sensível [...] que não pode fazer certas coisas, não tem seu lugar” ela destaca que é necessário mudar essas atitudes em relação à mulher.

Diante disso, Lola finaliza a entrevista dizendo: “tivemos muitas conquistas”, porém “não tivemos uma modificação radical”, pois isso somente será possível “através da educação, da educação familiar, quanto à escola, ela pode contribuir para mudar tudo isso. É importante que as atitudes mudem. Isso tem que mudar”.

Já para Blimunda (2020), “o estudo abre muito a cabeça. O estudo nos dá uma visão de mundo diferente [...] ficamos menos ignorantes” [...]. Você tem que estudar, se esforçar, temos sempre que adquirir mais conhecimento”.

Segundo Capitu (2020), a mulher deve “conquistar mais espaço, mais igualdade. Na

verdade, não só das mulheres, mas também para os homens”. Portanto, essa questão deveria ser trabalhada desde “a educação infantil de uma forma séria, concreta e bem fundamentada, assim os resultados seriam diferentes”. Capitu evidencia que a “questão da igualdade precisa ser estimulada desde criança não só na escola, mas em casa também”.

Por fim, Capitu expõe que “quanto mais as mulheres estudam, mais elas têm consciência, não só delas, mas também da sociedade na qual estão inseridas e dos problemas vivenciados, assim elas têm mais condição de se posicionar, de se defender e lutar pelo seu espaço”.

Segundo Maria Valéria (2020), o estudo é a única forma de melhorar as condições de vida das pessoas.

[...] eu penso assim, o estudo é a única forma de tirar o pobre da extrema pobreza. É o meu caso. Eu não vejo outra forma, não digo o estudo para ter um diploma de curso superior, não, ter pelo menos o ensino médio [...] o importante é “[...] você continuar estudando, não precisa ser na universidade, pode ser um curso profissionalizante, sou muito a favor de cursos profissionalizantes, às vezes as pessoas não têm necessidade de um curso universitário.

Porém, Maria Valéria é enfática ao dizer que “o estudo em sala, até o ensino médio e depois o curso profissionalizante, eu vejo como principal fator para o desenvolvimento pessoal”. Diante disso, levamos em consideração que a educação pode ser definida como a aplicação de métodos para afiançar o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um indivíduo, conforme afirmam Maria Valéria, Lola, Capitu e Blimunda. Assim, a educação não somente carrega em si os atributos de permitir que a mulher se desenvolva dentro das questões que a educação transmite, mas é por meio dela que podemos transformar a vida das pessoas.

Destarte a educação deve ser trabalhada não apenas pela família, ela deve ser continuada na escola para que se possa mudar a forma de pensar. Capitu ainda diz que “quanto mais as mulheres estudam, mais elas são conscientes de si e da sociedade em que vivem. E quanto mais igualitária for a educação, mais comprometida em desvincular as questões associadas ao machismo”, mais fácil seria inserir as mulheres na sociedade.

Assim sendo, como Capitu e Lola temos Blimunda que afirma que a “educação possibilita à mulher a ter outra visão do mundo”. E complementando o posicionamento das três, temos Maria Valéria que ressalta ser “a educação um meio para os pobres conseguirem conquistar o seu lugar na sociedade, principalmente das mulheres pobres de saírem da extrema pobreza”. Diante disso, Hooks (2017, p. 35) destaca que “a educação é a prática da liberdade”, portanto é por meio da educação que se chega à liberdade. Assim entendemos que a educação também é libertadora por dar à mulher a possibilidade de se inserir em outro contexto; o

contexto da vida pública.

Por outro ponto de vista, temos as mulheres que compreendem que a educação faz parte do processo de liberdade, porém elas percebem existir diferenças entre o conhecimento e a educação, levantando assim outros pontos que estão ligados à liberdade.

Assim sendo, Laurinda (2020) durante a entrevista comenta “eu acredito [...] estudo é conhecimento e, conhecimento hoje em dia é primordial [...]. Tudo o que você aprende, seja o que for vai te levar a algum lugar. Você vai aperfeiçoar suas ideias, suas opiniões, e isso vai fazer você se desenvolver como pessoa”. E nesse sentido, Laurinda pontua que “a mulher que estuda vai ter mais oportunidade no mercado de trabalho, ela vai ter um diploma, o que vai fazer com que ela seja independente”. Ela relembra que “não vai ser como as mulheres de antigamente que eram educadas para casar, ter filhos e ficar dentro de casa, cuidar do marido. E agora, agora a mulher vai ter o trabalho dela, o dinheiro dela, vai fazer o que ela quiser”.

Diante disso, Leonora (2020) corrobora com Laurinda quanto à relevância de adquirir conhecimentos, tendo em vista que: “isso te impulsiona a não deixar que outras pessoas te influenciem, não tomem decisões por você, então o estudo é fundamental na vida de uma mulher, para [...] tomar decisões próprias, seguir seu próprio caminho, então o estudo é fundamental”. Já Silvia (2020) fala da “autonomia que o conhecimento traz, eu vejo até no meu local de trabalho, que a gente influencia as pessoas e isso é muito bom. Eu tenho visto isso constantemente. E desde que comecei o mestrado, vejo uma transformação à minha volta – “ah eu quero fazer mestrado!”

Destarte, Silvia corrobora com Leonora e Laurinda ao afirmar que “o conhecimento traz essa liberdade, liberdade de alcançar outras coisas, conhecer pessoas novas, de fazer contatos com professores, é um mundo diferente [...] é isso que falta na sociedade, as pessoas realmente precisam entender o que o conhecimento pode fazer”. Silvia relembra que tanto ela quanto o esposo vieram “de famílias muito humildes e conquistamos muitas coisas. Para nós, o estudo é muito importante” (Silvia).

Já Luzia (2020) traz à tona algo que consideramos relevante nessa discussão, além do estudo já pontuado, a liberdade que o conhecimento proporciona à mulher, para isso ela afirma que é preciso “conhecer a si mesmo, porque quando você não tem conhecimento, você fica sujeito a ficar presa no machismo”, gerando muitas vezes a violência doméstica e até mesmo o feminicídio, conforme noticiados na imprensa.

Outro ponto alertado por Luzia refere-se às discrepâncias salariais entre o homem e a

mulher “Ah! Ganham menos no emprego pelo fato de ser mulher e mesmo tendo qualificação maior do que o homem, de ser vista como incapaz em certos lugares, de não acreditarem no seu potencial”. Essa afirmação de Luzia ainda é algo corriqueiro em nosso país, onde a mulher tem o salário muito inferior aos dos homens e também pouca representatividade na esfera pública.

Por fim, Luzia acredita que somente por meio “do estudo, do conhecimento, as mulheres vão avançar e superar” os problemas enfrentados pelas mulheres brasileiras. “Nós podemos demonstrar o conhecimento, pois temos potencial, principalmente na política. A mulher, as que estão vindo, estão chegando com muita garra, mostrando às outras mulheres que elas têm que ocupar todos os lugares”.

Segundo Alice (2020) “[...] quando você tem uma abertura intelectual, a nossa mente tem novas experiências, obviamente que a gente começa a ter outra visão do mundo, meio que tira a venda dos olhos. As pessoas terem conhecimento é muito libertador, conhecimento é poder”.

Porém, Alice deixa evidente que “é muito complicado o mundo em que vivemos” [...] nesse modelo patriarcal, nesse modelo social é muito difícil ter conhecimento porque quanto mais conhecimento nós temos mais sofremos”. Assim sendo, Alice (2020) destaca que:

O conhecimento é libertador e ao mesmo tempo quebra essas correntes, em contrapartida você se sente muito engessada porque não pode mudar algumas coisas, pois elas não dependem só de você, dependem de uma maioria que ainda é alienada e manipulável. Sendo assim, é necessário que a mulher tenha o conhecimento científico, para que ela possa decidir o que ela quer para a vida pessoal e profissional, sobretudo, porque você só consegue entender algumas coisas a partir do conhecimento [...]. Só assim, os paradigmas são quebrados na sua cabeça a partir do conhecimento adquirido.

11

Destarte, Alice considera que o conhecimento é libertador e a partir dele “muda a visão de mundo, muda-se a postura frente aos outros, a vida, os problemas e aí você estabelece novas estratégias, novos caminhos. Por isso, eu considero o estudo fundamental, embora seja muito sofrido. O conhecimento é poder” afirma Alice.

Para Maria Valéria: “[...] a universidade é uma possibilidade de ascensão social e econômica para a mulher, além do conhecimento. Agora, eu não sei se liberta, porque essa liberdade está envolvida em relação a valores do que é o conhecimento em si”. Assim, Maria Valéria pontua que o conhecimento formal é essencial, porém para conseguir a liberdade depende de cada pessoa. Ela afirma que “o conhecimento não é adquirido só na universidade, portanto não podemos desprezar outros tipos de conhecimento”.

Dessa forma, Maria Valéria toma como exemplo “o conhecimento empírico [...] que deve ser transformado em conhecimento científico, porém não podemos desprezar os outros

tipos de conhecimento porque eles também compõem quem nós somos. O que me leva a pensar dessa forma?”.

A minha formação moral e cristã, sem sombra de dúvidas, são os meus valores. A educação tem o propósito de levar o conhecimento da verdade, mas não consigo acreditar que a educação tem o objetivo de formar cidadãos porque a educação básica durante todos os anos tem um único objetivo: transformar nosso aluno em cidadão, cidadão é uma parte do aluno. Ser cidadão é uma parte, eu sou muito mais, você é muito mais que a cidadania. Então eu tenho que ter conhecimento, valores, respeito, eu tenho que ter virtudes.

Para Bibiana (2020), a luta das mulheres “vai ser uma luta por muito tempo [...], precisamos ser mais qualificadas em termos de diploma, de conhecimento para ao menos tentar não sair ou não ficar dentro das relações de meios abusivos e não saudáveis que reproduzem ali um machismo, um patriarcado”. Para ela as mulheres precisam “tecer a ideia de um sucesso profissional, de ter minimamente uma independência financeira, ela seria a dependência emocional e às vezes nós ficamos em meios que não são saudáveis justamente por causa dessas questões”.

Segundo Bibiana (2020)

[...] a possibilidade de abertura do estudo em si para ter uma profissão ou pelo menos para ter uma qualificação para conseguir uma renda que é fundamental [...]. A inserção da mulher no mercado de trabalho é fundamental para cortar amarras, mas essas amarras estão muito enraizadas, por isso é preciso rompê-las para além da independência financeira, de modo que tenha o fortalecimento da autoestima e da identidade. [...]. Para isso, é fundamental a aquisição do conhecimento de tal maneira que possamos lidar com a construção dos nossos papéis sociais. Quanto à questão do trabalho e da inserção profissional, eu volto a repetir, a sociedade nos cobra a todo o tempo para que sejamos mais qualificadas (para cargos), às vezes cargos que os homens não necessitam.

Já Bibiana ressalta a necessidade das mulheres ocuparem o lugar que elas merecem, portanto temos que “ser as melhores para ao menos termos respaldo para justificar o porquê estamos naquele lugar e isso não muda de pessoa para pessoa, de professoras para médicas, e para nós, o meio acadêmico é nosso meio profissional e nós passamos isso”.

Para finalizar, Bibiana (2020) reforça a ideia de ficar o tempo todo se justificando para os outros, vejamos o que ela diz:

[...] dentro da academia precisei durante toda a minha vida profissional ter que ficar me justificando, parece que eu era obrigada a me justificar que eu merecia estar ali, sendo que eu passei por processos seletivos. Eu acho que a escolaridade, o trabalho e o conhecimento sobre o que nos amarram, às vezes nos fazem pensar de determinadas formas, pois isso é fundamental e na maioria das vezes não vem com a escolaridade, e é um conhecimento que vamos trazer autonomia enquanto seres humanos para não termos amarras nem financeiras, nem emocionais e nem sociais, porém é simplesmente ter a nossa identidade, no papel que desenvolvemos socialmente.

Ao serem questionadas sobre a educação, as entrevistadas compreendem que ela também

é um pilar de sustentação na tríade conhecimento, educação e trabalho, dado que os três caminham lado a lado no que diz respeito a liberdade da mulher. Todavia, ao apontarmos o conhecimento, consideramos a existência de outros tipos de conhecimento, por exemplo, o conhecimento empírico do qual fala Maria Valéria, pois o conhecimento empírico está presente na formação de cada indivíduo. Luzia assevera que tanto o conhecimento quanto a educação são relevantes para as mulheres, dado que ambos quando associados são determinantes para que a mulher ocupe seu(s) lugar(es), o mesmo diz Alice, para ela muitos paradigmas podem ser quebrados a partir do conhecimento. Da mesma maneira, pensam Leonora e Laurinda sobre o conhecimento abrir possibilidades para as mulheres serem independentes e livres.

As divergências ocorrem nos mais variados campos de estudo, inclusive em entrevistas, portanto não é possível ao entrevistar várias pessoas que foram criadas de formas diferentes e vêm de estruturas familiares diferentes pensem da mesma forma. É por meio da divergência, das diferentes maneiras de pensar que construímos nosso texto.

A partir dos discursos, dos posicionamentos antagônicos que também entendemos como essas mulheres compreendem o estudo e o conhecimento e como é a percepção de Helga (2020):

Esse assunto é meio complicado [...]. Eu acho que o estudo te abre mais um caminho. Já a liberdade depende do ponto de vista da mulher, ela pode ser o que quiser, mas é claro que se a mulher não quiser estudar, quiser estar em casa, não faz de você melhor ou pior do que uma mulher que está no mercadode trabalho. Porque o estudo, ele é um caminho que você pode seguir, mas nãoé o que dá mais liberdade, porque até mesmo essa questão da conquista do espaço da mulher implica no que ela quer ser e isso é independente do estudar, porque ela pode ser o que ela quiser independente do que a sociedade acredita que seja melhor.

13

Assim sendo, Helga (2020) acredita que:

[...] não é só por meio dos estudos que a mulher pode ter liberdade. Porque o estudo está ligado diretamente às questões da independência financeira, mas isso não é tudo, tudo bem que o estudo gera conhecimento, e o conhecimento não tem preço, porque ninguém tira o conhecimento da gente, mas você também pode ser livre sem precisar fazer uma faculdade, porque você também pode fazer outras coisas. O estudo pode te dar maior liberdade, porém não trata da liberdade da conquista do espaço para a mulher. Existem mulheres que não estudaram e conquistaram o espaço e a liberdade.

Para Helga, o conhecimento e a educação são fatores importantes, todavia ela deixa claro que não existe uma única via para a mulher ser livre, o estudo é apenas um dos caminhos, ele auxilia na busca pela liberdade. O ponto de vista de Helga difere das demais nesse ponto.

O reflexo tanto do estudo quanto do conhecimento por parte das mulheres demonstra que ambos são essenciais para que elas possam ocupar seu(s) lugar(es) na sociedade, a maioria compreende que o conhecimento e a educação associados garantem às mulheres a possibilidade de uma vida profissional melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo com algumas provocações para e sobre as mulheres. Tais provocações permearam o texto de modo que pudéssemos compreender de que forma a liberdade, a educação e o conhecimento se fazem presentes na vida dessas mulheres e qual o posicionamento delas em relação a cada questionamento e como eles se relacionam, principalmente no que diz respeito à liberdade e ao conhecimento.

Foi por meio das perquirições a respeito da educação que conseguimos compreender a relevância que as mulheres dão a educação e a maneira como ela está diretamente relacionada à liberdade e ao conhecimento, embora ressaltamos que a educação não é a única possibilidade para a liberdade e para a aquisição do conhecimento, como expõe uma das entrevistadas.

No que tange às entrevistadas, constatamos que as mulheres, de uma maneira geral, expressam sua condição de mulher, de mãe e cidadã. Contudo, quando se fala da mulher ocupar seu(s) lugar(es) e desempenhar papel(is) uma entrevistada nos deixa óbvio que a mulher pode optar por ser mãe e estar em tempo integral com suas crianças ou ela pode ser mãe e trabalhar fora ou ainda não querer filhos e cuidar da sua carreira.

A partir dos estudos sobre o feminismo, concluímos que estes foram fundamentais para que as mulheres pudessem obter o direito à educação, que, por sua vez, possibilita o direito à liberdade e ao conhecimento. Ainda assim, papéis de homens e mulheres eram distintos, cabendo a cada um um papel determinado e um tipo de educação, enquanto o homem era educado para ocupar lugares públicos e ter uma profissão, a mulher tinha acesso a uma educação limitada e voltada para o lar. Outro ponto relevante dentro deste artigo é compreender que os papéis de mulheres e homens são determinados também pela sociedade, porém havia instituições como a Igreja, o Direito e a Medicina que tiveram um papel relevante na construção ideológica das mulheres, dado que essas instituições eram feitas por homens e para homens e, assim sendo, essas entidades foram determinantes para garantir à mulher a sua condição de submissão e subalternidade.

Com a chegada do século XXI muitas transformações ocorreram na vida das mulheres, principalmente no que diz respeito à educação, ao conhecimento e à liberdade, aqui vale ressaltar que tais garantias são resultados dos estudos feministas do século anterior. Ao discorrer sobre a educação, as entrevistadas nos apontaram que ela não apenas é um meio para garantir o conhecimento, mas também para que a escola possa diminuir o abismo criado entre homens e mulheres, dando a todos as mesmas possibilidades.

As entrevistadas concordam que a educação é um dos pilares que sustentam a tríade educação, conhecimento e trabalho, mas compreendem que o conhecimento não pode ser vinculado apenas ao conhecimento formal, mas também ao empírico, como apontou uma das entrevistadas. Dado que o conhecimento precisa incorporar o que é cultural e individual de cada indivíduo.

Não é possível percebermos em mulheres que vêm de regiões diferentes, de criações diferentes, vivências e experiências diferentes que pensem de maneira uniforme, antagonismos, divergências sempre existirão, todavia, as entrevistadas compreendem que a educação está diretamente associada ao conhecimento e a liberdade e por isso quando associadas, propiciam às mulheres uma melhor condição de vida e trabalho.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

A Fundação Araucária pelo apoio na pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, CN. **Sejamos todos Feministas**. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

D'INCÃO, MÂ. Mulher e Família Burguesa. In: PRIORI, Mari Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223-240.

FRANÇA, FF. **Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com os educadores**. 2014. 187f. Tese (Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2014.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

MENDONÇA, JGR; RIBEIRO, PRM. Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 5, n. 1, p. 93-104, 2011.

SAUTHIER, A. **Liberdade e Compromisso: O Tempo e o Vento de Erico Verissimo: uma interpretação filosófica**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.